



Volume II, número 2, jul-dez, 2021, pág.154-179.

MARUJADA DE SÃO BENEDITO DE FREGUESIA DO ANDIRÁ: UM PATRIMÔNIO CULTURAL A SER (RE)CONHECIDO.

Manoel Marcos de Moura Clementino

RESUMO

Este artigo científico é um estudo sobre a Festa dos Marujos de São Benedito na Freguesia do Andirá, município de Barreirinha (AM). Uma manifestação da cultura popular afro-amazônica que há mais de 100 anos expressa nossa identidade. Um autêntico e valioso Patrimônio Cultural Imaterial que precisa ser salvaguardado, conhecido e reconhecido. Para compreender o problema identificado e construir ideias e caminhos de conhecimento que possam levar às mudanças desejadas, este estudo percorreu 4 caminhos: A história, a cultura, a educação e a superação. As principais referências norteadoras dessa jornada foram: CERQUA (2009), FURNES (1995), GALVÃO (1953), BELTRÃO JÚNIOR (2015) e TRINDADE (2010). Realizou-se uma pesquisa qualitativa a partir de observação participante (etnografia) e entrevistas semiestruturadas, realizadas com participantes da festa nos anos de 2018 e 2020, sendo os depoimentos deste ano feitos à distância (telefonemas e mensagens), devido às medidas de distanciamento de prevenção ao COVID-19. Os áudios obtidos por meio de gravação foram transcritos, com a permissão dos participantes, além de uma revisão bibliográfica e análise documental. Em suma, este trabalho relatou os resultados da análise das quatro vias de investigação da Festa dos Marujos de São Benedito de Freguesia do Andirá.

PALAVRAS-CHAVE. Marujada de São Benedito. Patrimônio Cultural. Festa Amazônica. Cultura; Educação.

ABSTRACT

This scientific article is a study about the Festa dos Marujos de São Benedito in Freguesia do Andirá, municipality of Barreirinha (AM). A manifestation of Afro-Amazonian popular culture that for over 100 years expresses our identity. An authentic and valuable Intangible Cultural Heritage that needs to be safeguarded, known and recognized. To understand the identified problem and build ideas and paths of knowledge that can lead to the desired changes, this study followed 4 paths: The history, culture, education and the overcoming. The main guiding references of this journey were: CERQUA (2009), FURNES (1995), GALVÃO (1953), BELTRÃO JÚNIOR (2015) and TRINDADE (2010). A qualitative research was carried out based on participant observation (ethnography) and semi-structured interviews, carried out with participants of the party in the years 2018 and 2020, this year's statements being made remotely (phone calls and messages), due to the distance measures in prevention to COVID-19. The audios obtained through recording were transcribed, with the permission of the participants, in addition to a bibliographic review and documentary analysis. In short, this work reported the results of the analysis of the four investigation paths of the Festa dos Marujos de São Benedito de Freguesia do Andirá.

KEYWORDS. Marujada de São Benedito. Cultural Heritage. Amazonian Party. Culture. Education.



INTRODUÇÃO

O rio Andirá do município de Barreirinha (AM) banha um rico território de identidade, onde comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas celebram suas tradições. A vontade e a necessidade de “beber água nessa fonte” de cultura e conhecimento foi a principal motivação que nos levou a essa pesquisa, iniciada em 2018, quando visitei o Distrito de Freguesia do Andirá na ocasião da Festa dos Marujos de São Benedito. O objetivo naquele ano era fundamentar e enriquecer as produções culturais do Grupo Ajuri, conjunto musical da cidade de Parintins (AM), que experimentava um novo projeto, o “Show Didático nas Escolas”, desenvolvido pelo Instituto Cultural Ajuri (INCA)², onde atuo como gestor, produtor cultural e educador.

Mas logo em seguida, a pesquisa foi se configurando como um estudo sistemático e analítico dos caminhos de compreensão da Festa dos Marujos de São Benedito: o da história, que, detalhadamente, apresenta o processo civilizatório, relatos escritos dos antepassados, noções gerais sobre a cultura ribeirinha e influências socioculturais dos negros da Freguesia do Andirá; o da cultura, que discorre sobre a oposição entre os catolicismos oficial e popular, a devoção dos ribeirinhos a São Benedito, a Marujada como festa afro-amazônica e como instrumento de luta e resistência, além de expor sobre os elementos/momentos da festa e sua importância enquanto patrimônio cultural imaterial; o da educação, que mostra os valores da referida festa, a título de exemplo de conteúdo a ser utilizado na implementação do ensino da cultura afro-brasileira e indígena nas escolas brasileiras; e o da superação, que evidencia a realidades (dificuldades, desafios e perspectivas) dos atores sociais e demais envolvidos da Festa da Marujada do Andirá mediante a pandemia da Covid-19.

² Instituição que desenvolve ações e projetos sócio culturais voltados para a promoção da cultura amazônica. parintinsinstitutoajuri@gmail.com



1 - O CAMINHO DA HISTÓRIA.

1.1 - Freguesia do Andirá, o início da Jornada.

Freguesia do Andirá é um dos 5 distritos do município de Barreirinha (AM) e foi criado pelo Decreto-Lei Estadual n.º 176, de 01 de dezembro de 1938 (Fonte: IBGE). Culturalmente falando, é o “Porto Seguro” da Marujada de São Benedito. Uma comunidade de terra firme tipicamente amazônica: ribeirinha e festeira. Terra do famoso poeta Thiago de Melo, localizada à margem direita do lendário rio Andirá (AM).

Foi a primeira sede do município de Barreirinha. Segundo relatos de moradores mais antigos, a sede do município transferiu-se para o Paraná do Ramos³³ por causa da profundidade do rio Andirá, um rio tipicamente raso. Outra condição que influenciou nessa mudança foi a logística, porque pelo Paraná do Ramos, rio que banha a sede atual do município, existe a facilidade de deslocamento ao longo do rio Amazonas, principal via fluvial da região.

A distância entre Manaus, capital do estado e Freguesia do Andirá é de 372 km via fluvial, enquanto sua distância até a sede do município de Barreirinha é de 06 km. De Parintins (município vizinho) para o local da área pesquisada o acesso se dá apenas por via fluvial com duração média de 6 horas de viagem.

Em várias partes da região amazônica existem comunidades rurais que são denominadas distritos, como é o caso de Freguesia do Andirá. O termo “Distrito” foi utilizado neste local através do artigo 195º da Lei Orgânica do Município de Barreirinha, na qual declara que só é considerado distrito quando uma comunidade possui uma população acima de 80 famílias e que apresentem condições básicas como escolas, posto de saúde, energia elétrica, água encanada, etc. (MESQUITA, 2013).

³ Rio que banha a sede do município de Barreirinha (AM).



Figura 1 – Vista aérea do Distrito de Freguesia do Andirá-AM



Fonte: Google Earth (2020).

Em sua paisagem sociocultural, Freguesia do Andirá apresenta alguns elementos urbanos, como ruas asfaltadas, escolas de níveis fundamental e médio, posto de saúde e outros serviços públicos básicos. Estabelecendo, portanto, relações sociais, políticas e econômicas próprias.

Tais características se manifestam em sua organização social e cultural voltadas para as relações religiosas, resultante da colonização e catequização portuguesa. Um processo histórico que resultou na construção de regras de “convívio” das pessoas que compõe a sociedade do lugar, estabelecendo suas regras e respeitos sobre crenças e hábitos religiosos.

Nesse ambiente sociocultural predomina o catolicismo popular, construído pelos povos da floresta e dos rios com fé e festa, onde o sagrado aceita e se alegra com a riqueza e a força ancestral do “profano”. Uma força vital, valor civilizacional afro-brasileiro que se manifesta na Festa dos Marujos de São Benedito, resistindo e enfrentando desafios e conflitos a várias gerações, como a romanização e o controle eclesial da igreja católica sobre as festas religiosas no interior da Amazônia.



Essas festas religiosas amazônicas resultam de práticas culturais de grupos ou populações urbanas mestiças/caboclas, que sofreram influências culturais dos povos indígenas, dos afrodescendentes e da colonização europeia (BRAGA, 2007).

1.2 - Santa Cruz dos Andirazes, a Missão dos Andirás.

Segundo Cerqua (2009), um dos primeiros relatos sobre Freguesia do Andirá é do ano de 1669, quando foi citada na crônica do Padre João Felipe Bettendorf, que nos seus escritos mencionou a existência de uma aldeia denominada “Santa Cruz do Andirazes”. Dar nomes católicos aos lugares que ocupavam era costume dos jesuítas de chegar aos locais de suas missões e edificar um cruzeiro dedicado à fé cristã. O que corrobora com o autor citado acima é o relato que encontramos na Crônica de Betendorf, que diz que:

Umás cinco jornadas pouco mais ou menos pelo rio das Amazonas acima estão os Tupinambaranas. Estes estavam em uma ponta alta sobre o rio, onde em 1669, quando lá os foram visitar em minha companhia o padre Pedro Luiz Glui e o irmão Domingo da Costa; mas pela grande praga de mosquitos mudaram-se uma jornada a pouco mais pela terra a dentro sobre um bello lago ou rio que vindo parte dos Andirazes ,parte do Rio das Amazonas, vai dar pelos Curiatós. (Betendorf, 1910, pág.35).

Sobre os elementos citados por Betendorf em sua crônica, CERQUA (2009) afirma que correspondem à localização de Freguesia do Andirá. Isso porque os Curiatós⁴, moradores do Uaicurapá, por água e até breve caminho terrestre correspondem à cabeceira do Andirá – Mirím.

No ano de 1689, é edificada uma capela em Santa Cruz do Andirazes, pelo Pe. Antônio Fonseca. Transferida depois de um certo período para outra sede. Medida que não esvaziava completamente Santa Cruz do Andirazes. No ano de 1714, o projeto de cristianização dos jesuítas mantinha as aldeias domesticadas nas enseadas dos Rios Canumã e Andirá (Cerqua, 2009).

O povoado Santa Cruz do Andirazes foi elevado a curato de Freguesia em 1852-1853, quando o Diário Oficial do Amazonas registrou a existência de 60 casas armadas e prontas, uma igreja decente e outra pra acabar, cemitério e quartel (Cerqua, 2009).

⁴ Povo indígena que habitava o Baixo Amazonas.



Com a fundação da cidade de Barreirinha, no ano de 1872, a igreja Nossa Senhora do Bom Socorro, que estava em Santa Cruz do Andirazes, foi transferida para a nova sede. A lei 539, de 09 de junho de 1881, elevou Barreirinha à categoria de Vila Nova de Barreirinha, desmembrando-a do Município de Parintins. A elevação a categoria de município aconteceu em 31 de março de 1938, pela Lei Estadual n.º 68, de 31-03-1938. Apesar de todas essas mudanças em sua organização geopolítica, as comunidades do município permaneceram com suas características ribeirinhas, a exemplo de Freguesia do Andirá.

1.3 - Uma herança ancestral.

A cultura ribeirinha é sobretudo uma herança ancestral dos povos indígenas, já adaptados ao bioma amazônico desde tempos imemoriais. Esse processo de construção histórica acarretou modificações importantes nos saberes e fazeres desses povos. Sua origem é definida a partir de três períodos distintos que são marcados por três séculos de domínio colonial:

Tabela 01 – Períodos que influenciaram na formação da sociedade ribeirinha.

1600/1655	Expedições em buscas de mão de obra para a exploração das drogas do sertão marcaram esse período.
1655/1755	Período marcado pelas missões jesuíticas que reuniam índios de diferentes etnias.
1755/1799	A política e regulamentos marcados pelo governo pombalino, a criação do chamado “Diretório”.

Fonte: Vaz (1996).

As missões jesuítas e a política de Marquês de Pombal modificaram de forma permanente os modos de vidas das populações nativas da região amazônica. O que inaugurou um projeto de catequização a partir de 1653, reunindo indígenas de várias etnias e línguas em suas missões. Disso acarretando uma homogeneização observada em diferentes aspectos, com destaque para a utilização da Língua Geral chamada “Nheengatu”⁵. Língua esta, padronizada pelos religiosos para fins de catequização e

⁵ Língua criada pelos jesuítas a partir do Tupi para fins de catequização.



envolvimento dos indígenas em seus empreendimentos comerciais. Os quais, se tornavam cada vez mais lucrativos, atraindo críticas de dirigentes do Reino. O governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão de Marquês de Pombal, considerara que a ação dos missionários trouxe muito lucro para a Igreja, em detrimento do Estado e dos colonos (Souza, 2009).

Na mesma época, o influente Marquês de Pombal expulsou os jesuítas e publicou o “Diretório”. Uma política com a finalidade de estimular os indígenas à “vida civilizada”. A lei que durou 42 anos decretava que cada vila teria um diretor; os indígenas deveriam falar somente a língua portuguesa; deveriam trabalhar para seu sustento; não poderiam mais andar nus; as famílias indígenas deveriam separar-se e deixar de viver em moradias coletivas; e por fim, casarem-se com os brancos. O povo remanescente desses processos de aculturação passou a ser chamado ribeirinho; os indígenas do pré-contrato não mais existiam, suas crenças e modo de vida foram drasticamente extintos ou alterados (Vaz, 1996). Atualmente, Muitos dos ribeirinhos da região amazônica não se reconhecem como “caboclos”. Essa rejeição ao termo é por que faz conotação a um período distante onde “caboclo” era designado com certo escárnio aos mestiços e índios “amansados” (Vaz, 1996).

1.4 – Uma Floresta Negra.

A presença negra na Amazônia é inegável, com enorme impacto na vida da região. Silva e Castro (2018) registram que é por intermédio da Fundação da Companhia Geral do Comércio do Grão-Pará e Maranhão, criada no período pombalino, que negros e negras consolidam-se na Amazônia. Por sua vez, Gomes (2005) nos fala de uma “floresta enegrecida”, onde mocambos e quilombos do Grão-Pará não só se espalhavam e cresciam, mas também aperfeiçoavam suas estratégias de defesa e proteção, destacando que desde os anos 1700 a população negra e africana já estava espalhada pela Amazônia, na coleta das chamadas “drogas do sertão”, nas lavouras trabalhando com indígenas, no transporte de canoas e na construção de obras e fortificações militares do Grão-Pará.

Até pouco tempo a historiografia discutiu a escravidão negra na Amazônia de maneira quantitativa, compreendendo o número de escravos negros trazidos para a



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Amazônia como extremamente reduzidos e, portanto, “insignificante”, sempre comparando a outras regiões do Brasil. Esse entendimento e insistência que na verdade auxiliou em processo apaziguamento da presença negra durante a colonização e além dela, compondo os processos sociais da Amazônia nos séculos XIX e XX. (SAMPAIO, 2011).

Atualmente, no leste do Amazonas, especialmente nos municípios de Parintins e Barreirinha, aparecem inúmeras comunidades negras rurais. No último município, com a criação da Federação das Comunidades Quilombolas do Rio Andirá, órgão criado em 2009 para cuidar dos processos formais de lutas do movimento quilombola (ROCHA, 2019), o movimento negro local alcançou significativas conquistas, como o reconhecimento e certificação 5 quilombos pela Fundação Palmares, órgão federal ligado ao Ministério da Cultura, pela Portaria Nº 176 publicada no Diário Oficial da União no dia 25 de outubro de 2013. São elas: Boa Fé, Ituquara, São Pedro, Santa Teresa do Matupiri e Trindade; onde vivem 558 famílias, um total de 2.790 pessoas. Esses quilombolas são descendentes do africano Benedito Rodrigues da Costa, angolano, escravo fugido que aportou no Amazonas no século XIX (RANCIARO e MAGELA, 2016). Segundo seus descendentes, Benedito fugiu de uma embarcação pulando nas águas no Rio Amazonas, conseguindo chegar à Vila Amazonas, município de Parintins. Acreditam que a fuga aconteceu em 1878. Já refugiado no Rio Andirá, Benedito conheceu sua esposa Gerônima, filha da indígena Júlia Sateré⁶ em um barracão de festas, quando festejos religiosos se misturavam à diversão popular. Em várias partes da região, em particular na região do Baixo Amazonas, muitos laços de solidariedade ligaram africanos e indígenas, construídos em meio ao duro cotidiano que compartilhavam. Mas é importante destacar que essa presença não está só no passado. Atualmente existem 406 comunidades quilombolas nos estados do Amazonas, Pará, Maranhão e Amapá. É preciso conhecer essas histórias para reconhecer que negras e negros amazônicos foram e são capazes de reinventar suas vidas em um cotidiano marcado pela violência e pela desigualdade. Estes homens e mulheres revelam que nossa maneira de existir é associada ao resistir.

⁶ Sateré é um povo indígena que habitava as regiões dos rios Tapajós e Madeira. Hoje a Terra Indígena desse povo é banhada pelos rios Marau e Andirá, que engloba os municípios de Barreirinha, Maués e Parintins.



No leste amazonense existem comunidades com nomes como “Terra Preta” do rio Mamuru, “Mocambo” dos rios Tracajá e Arari, que em nenhum momento se identificam como negros ou inseridos na “cultura afro-indígena” ou “afro-amazônica”, GOMES, (1997). Contudo, seus modos de vida e manifestações culturais revelam essa identidade através de festas, batuques e danças, como Marujada, Carimbó, Lundu, Gambá, Boi-Bumbá, Onça de Pega, Mazurca e Cordão de Pássaro. Dessa forma, regiões tidas como marcadamente indígenas como o rio Andirá “dos Sateré-Maué”, acaba sendo também o rio “dos pretos e das pretas” (FURNES, 1995).

2 - O CAMINHO DA CULTURA.

2.1 - A Fé e a Festa.

O catolicismo popular, entendido como oposição ao catolicismo oficial professado nas igrejas de maneira hierarquizada, é composto por um conjunto de crenças e práticas socialmente reconhecidas como católicas, vivenciadas principalmente por não especialistas do sagrado, independentemente se essas pessoas são de classes subalternas ou dominantes (MAUÉS, 1995). Ele se manifesta em diferentes áreas da Amazônia tendo como característica comum a crença e o culto aos santos, expressados geralmente com festas. Sobre a religiosidade na Amazônia, Eduardo Galvão declara que:

A religiosidade do caboclo se manifesta, sobretudo, no culto dos santos, ou mais propriamente no de suas imagens locais, a que se empresta caráter de divindade com poderes de ação imediata e não apenas representações de intermediários entre uma força superior e o homem. A expressão máxima do culto dos santos se observa na festividade com que se celebra o “dia do santo”. Cada povoado, sítio, ou comunidade tem o seu santo padroeiro, e alguns mais, de devoção (GALVÃO, 1953:2).

O autor, considerando o aspecto da religiosidade, revela que a festa é um dos elementos constitutivos da identidade da sociedade amazônica, nos quais os santos são cultuados, assumindo um caráter divino. Assim também acontece com São Benedito, um dos santos mais cultuados por comunidades tradicionais da Amazônia, como em Freguesia do Andirá, onde a mais de 100 anos a Marujada de São Benedito cultua e festeja o santo preto milagreiro.



2.2 – A Devoção a São Benedito.

Negros fugidos sempre fizeram de seus quilombos e mocambos verdadeiros templo de resistência cultural, mantendo como um de seus princípios a religiosidade. Reuniam-se para celebrar suas tradições com fé e festa, batucando, cantando, dançando e se organizando em irmandades dedicadas a Benedito, o santo preto preferido por essa gente de cor. São Benedito ou Benito é um santo católico negro filho de africanos escravizados na Etiópia, que nasceu na ilha da Sicília, Itália, no ano de 1524.

Segundo Lira e Silva (2016), no período da escravidão, os negros eram obrigados a cultuar os santos católicos, sob pena de sofrer castigos de extrema violência. Sendo assim, escolhiam o santo que mais se identificavam por conta da cor de pele. Outra forma utilizada era o sincretismo religioso, quando associavam os santos católicos aos seus Orixás e outras entidades sagradas, como forma de resistência e preservação de sua fé ancestral. Na Casa das Minas, no Maranhão, por exemplo, um dos principais rituais religiosos é a “Festa de Averequete”, vodum que é “devoto” de São Benedito.

A admiração e devoção a São Benedito é mundial por sua linda história de vida e milagres. Sua popularidade no Brasil deve-se em grande parte às Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito dos Homens Pretos espalhadas pelo país, que serviram de espaço às reivindicações religiosas e político-sociais de escravos e libertos. Ainda hoje, com mais de 3 séculos, essas entidades religiosas de negros gozam de grande prestígio (LIRA; SILVA, 2016).



Figura 2 – Devota de São Benedito de Freguesia do Andirá.



Fonte: arquivos do autor.

No Brasil, o culto a São Benedito deu origem à Marujada. E pelo país ela é mais conhecida com a dramatização da tragédia marítima da nau Catarineta (embarcação portuguesa que desapareceu no litoral brasileiro, no século XVI), representado por danças populares que recebem vários nomes, entre eles, “Chegança de Marujos”, “Barca” e “Fandango” (AZEVEDO, 2003).

2.3 – Marujada, uma Festa Afro-Amazônica.

Figura 3 - Marujo batucando Gambá em Freguesia do Andirá.



Fonte: arquivos do autor (2018).



Na Amazônia, a Marujada existe em várias comunidades tradicionais, com destaque para o município de Bragança, no estado do Pará, onde remanescentes quilombolas celebram o santo afrodescendente com grande fervor e riqueza cultural desde 1798, de acordo com os autos de origem da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança (CARVALHO, 2010).

Em Freguesia do Andirá, comunidade ribeirinha que fica em uma região amazonense com forte presença de indígenas e quilombolas, a festa propriamente dita teve início no dia 26 de dezembro de 1864, um ano depois da chegada da imagem de São Benedito à comunidade, trazida da cidade de Belém do Pará, conforme o histórico da festa registrado pela Associação dos Marujos de Freguesia do Andirá (AMFA) do ano de 2015:

Probabilidade mais exata que podemos informar é a data do ano de 1863, ano que a imagem do Santo Negro, “São Bendito”, chega ao Distrito de Freguesia, Antiga **Missão do Andirá**, vindo da cidade de Belém do Pará, trazida pelo Senhor “Arnoldo Pereira”, onde o mesmo recebeu autorização do Cacique Tribal o índio Crispim de Leão, para alocar a imagem do Santo na **Capela de Nossa Senhora de Belém**, padroeira do lugar, festejada na data de 03 de julho. Pelo fato de ser comemorada a festa do natal no dia 25 de dezembro data de nascimento do menino deus. No ano de 1864, na data do dia 26 de dezembro do mesmo ano, foi criada a festa de São Benedito com a sua marujada, no período do dia 16 até o dia 26 de dezembro. [grifos nossos].

Assim começou a relação entre a Marujada e a imagem do Santo Benedito. Desde então, a festa religiosa teve grande ascensão, contando com a participação de um número expressivo de brincantes como marujos, mordomos e promesseiros, além de membros da Irmandade de São Benedito e visitantes das comunidades e municípios da região. A festa os mobiliza anualmente para a celebração da esperança, da união, da fraternidade, da identidade e da tradição. Uma devoção lúdica característica do catolicismo popular, onde rezam, cantam, dançam e pagam promessas.

2.4 - Luta e resistência cultural.

Mas, segundo Míguez (2012, p. 209) “as festas não significam tão somente música, dança e celebração. São, também, caracteristicamente, um território marcado por disputas e tensões de várias ordens. São, sempre, uma arena de conflitos”. Exemplo disso foi a criação da Associação dos Marujos de Freguesia do Andirá – AMFA, com a



finalidade de fortalecer politicamente a atuação dos Marujos diante das imposições da igreja católica. Sobre esse fato, Leão dos Santos, atual presidente da entidade, nos relatou que:

“Os padres queriam mudar a data da festa, proibir as brincadeiras como a “varrição”, a beberagem de tarubá, os batuques de gambá, dizendo que a gente estava profanando, cometendo heresia. Mas não, a gente sempre teve muito respeito com nossa devoção a São Benedito. Então a gente resolveu que continuaríamos mantendo nossa tradição, fazendo como deve ser”.

Esse conflito revela uma intolerante tentativa de romanização do catolicismo popular em Freguesia do Andirá. O que acontece várias em comunidades amazônicas, até mesmo nas localidades já alinhadas a esse projeto de hierarquização da fé cristã, que teve início no século XVII com as missões religiosas. Ao relacionarmos os relatos com o histórico da festa, identificamos que o estatuto criado pelos marujos, assim como o registro da entidade foi um ato de resistência para que a festa legalmente continuasse a existir (ROCHA, 2019). Conforme o histórico da festa, produzido nesse cenário de lutas e resistências:

No dia 10 de janeiro de 2000, em assembleia, lideranças da Igreja Católica dos municípios de Barreirinha e Parintins, no intuito de oficializar a festa (de dar “autorização” para sua realização), fizeram a transição da mesma para o dia 05 de outubro, mesmo a ideia não sendo bem aceita pela maioria da população local. Com a mudança, o festejo entra em decadência, então os moradores (já insatisfeitos) retornaram a festejar o santo no período de origem. A atitude dos comunitários aumentou o conflito com a igreja, a qual definitivamente “proibia” a realização da festa, pois, de acordo com a instituição religiosa, se tratava de atos profanos e de heresia. A postura da igreja influenciou muitos comunitários, gerando também um conflito interno. Mas que nada disso impediu a festa de voltar a crescer, apesar das crises. Com o objetivo de organizar e difundir a cultura do marujo, no ano de 2003 os comunitários se reuniram em assembleia e criaram a Associação dos Marujos de Freguesia do Andirá (AMFA), uma Entidade Particular sem fins lucrativos.

Com a organização institucional dos marujos através de sua associação devidamente legalizada, a festa se consolidou na tradicional data de 16 a 26 de dezembro de cada ano. Sobretudo, nesse período, o laço entre os comunitários se estreita, fazendo uma intensa agregação social no local, firmada na tradicional devoção ao Santo Preto.



2.5 - Fazendo a festa.

Na semana que antecede a festa os membros da AMFA, sob coordenação de seu presidente, envolvem suas famílias nos mais variados trabalhos, pintura da sede, capinagem, manutenção dos instrumentos, confecção e organização de barracas para venda de produtos durante a festa, recebimento de donativos, ornamentação dos espaços com bandeirolas coloridas, balões e flores, preparação do tarubá⁷, etc.

Também são comuns os almoços oferecidos aos marujos, geralmente como pagamento de promessa a São Benedito. Em minha visita à comunidade, acompanhado de meu amigo Coriolano Pontes, percussionista e morador do Rio Andirá, fui à procura do senhor Rozildo Ferreira, Capitão dos marujos, com a intenção de entrevistá-lo para a pesquisa. Encontramo-lo em um desses banquetes. Já na condição de convidados, saboreamos um delicioso cafezinho com beiju de farinha e pé-de-moleque, enquanto conversava com meu entrevistado. Ele explicou que o Capitão é o chefe dos demais brincantes, marujo responsável de “puxar” os cantos e danças tocando uma pequena caixa, chamada “tamborinho”. Depois disso, com todos dentro da casa, o Capitão dos Marujos deu um comando aos foliões com um toque percussivo em instrumento e logo os gambás responderam em batuque, começando uma cantoria de uma força ancestral contagiante que me encheu de emoção. Logo estávamos batucando e cantando com aqueles marujos, até que um grito da cozinha anunciava que o almoço estava servido a todos. E que almoço! Galinha caipira guisada com arroz e farinha, sucos de cupuaçu, açaí e bacaba, além do Tarubá, bebida preferida dos marujos e também minha, pelo seu poder de nos acender a alma.

⁷ Bebida de origem indígena feita com mandioca fermentada muito apreciada pelos povos da Amazônia. Está sempre presente nas festas pelo seu poder de embreaguês.



Figura 3 - Capitão dos Marujos ofertando Tarubá.



Fonte: arquivos do autor (2018).

Em barracão próximo à igreja, com muito capricho, o andor do santo é confeccionado por devotos promesseiros, que o entregam aos marujos no dia da procissão, para que o conduzam à igreja localizada no centro do distrito. Nesse processo de preparação, também são enfeitados e erguidos os mastros, que nesse contexto são:

[...] troncos de árvores erguidos durante a festa, uma característica comum nos festejos de santo. Eles são ornamentados com plantas, frutos e objetos, sendo que na extremidade de cada mastro possui uma bandeira [...]. Conforme a cerimônia, eles são derrubados no último dia da festa ficando à disposição do povo, e as pessoas que pegarem as bandeiras serão parte da equipe de organizadores da festa do ano seguinte. (BELTRÃO JÚNIOR, 2015, p. 7).

Nos primeiros dias de festa acontecem as celebrações, novenas, ladainhas e o arraial do santo, onde realizam leilões com comidas típicas, bingos e jogos com sorteio de prêmios, voltados para a geração de recursos necessários ao pagamento das despesas da festa, assim como para a realização de melhorias estruturais na sede. Segundo Leão dos Santos, presidente da AMFA, o último festejo arrecadou cerca de R\$ 10.000,00 (dez mil reais), dinheiro que, logo após a prestação de contas da festa é empregado em melhorias nos espaços da AMFA localizados na comunidade.

A dança da marujada é feita, basicamente, em quatro dias durante o período da festa, mas tendo maior ênfase no penúltimo dia, onde os marujos conduzem a procissão e se apresentam ao público. A grande maioria dos visitantes chega ao distrito apenas no dia 26, tido como principal dia da festa.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Inúmeras embarcações trazem centenas de visitantes que começam a chegar de manhã cedo, antes das cerimônias tradicionais e do baile festivo realizado à noite, na sede. A bela praia de areias brancas banhada pelo rio Andirá é o ponto de maior concentração de pessoas. Um espaço de lazer, onde populares tomam banho de rio, comem, bebem e se confraternizam em alegria. Essa rotina só é quebrada quando começam os rituais religiosos, momento em que as atenções são voltadas para as procissões terrestre e fluvial e demais ritos religiosos.

Figura 4 - Marujada em procissão em Freguesia do Andirá.



Fonte: arquivos do autor (2018).

Vestidos com seus trajes típicos, os marujos conduzem os ritos ao santo de maneira imponente. Conforme o mestre popular Rozildo Ferreira, Capitão dos marujos, o figurino é composto por calça e camisa de punho de cor branca, chapéu com fitas coloridas e uma pala à altura dos ombros que pode ser azul, verde ou vermelha, sendo a última usada nos principais rituais, sendo o uso de calçado obrigatório, podendo ser inclusive chinelo. As figuras tradicionais da dança são: Capitão, Contramestre, Mestre-Piloto, As Irmandades, Rainha dos Marujos e Andador.

Dispostos em filas paralelas ou em uma grande roda, os marujos cantam, dançam e batem do lado posterior da coxa um instrumento chamado gajado, emitindo um som característico de pinchas. Os demais instrumentos tradicionais são a caixinha, o gambá e o caracaxá, que são confeccionados pelos próprios brincantes.



Dia 27, último dia da festa, é o dia da “varrição”. Rito em que os marujos percorrem nas ruas de Freguesia cantando e dançando em agradecimento a toda comunidade, também brincam em frente das casas a convite de moradores e assim realizam uma linda celebração lúdica de despedida.

2.6 - Marujada de São Benedito, um Patrimônio Cultural.

A Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO, realizada em Paris em 2003, assim conceituou o termo Patrimônio Cultural:

Entende-se por “patrimônio cultural imaterial”, as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

A mesma Conferência, pautada nos instrumentos internacionais existentes em matéria de direitos humanos, assim definiu o termo “salvaguarda”:

Entende-se por “salvaguarda” as medidas que visam garantir a viabilidade do patrimônio cultural imaterial, tais como a identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, a transmissão – essencialmente por meio da educação formal e não-formal - e revitalização deste patrimônio em seus diversos aspectos”.

Mais didático que redundante, destaco que esse tipo de Conferência serve para conferir e aprovar, no caso, as diretrizes internacionais norteadoras de políticas públicas. Ou seja, serve de referência para as atualizações necessárias nas políticas de Estado nas nações.

Na contramão desse processo está o Brasil, que passa por uma grave crise de representação política e de gestão pública, em particular no campo da cultura. A extinção do Ministério da Cultura, as constantes trocas de gestores da pasta, a ausência de um projeto de governo, o não cumprimento do Plano Nacional de Cultura (PNC), são alguns exemplos dessa crise que torna a Pandemia do Covid 19 uma “gripezinha”.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Consultando os arquivos da Assembleia Legislativa do Amazonas (ALEAM), identificamos que vários eventos e culturas que não representam nossa identidade cultural já foram declaradas Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Amazonas, entre as quais, a “Festa do Repolho”, a “Bíblia” e “Festas da Igreja Assembleia de Deus”. Leis de legitimidade duvidosa.

No ano de 2016, na condição de presidente do Instituto Cultural Ajuri – INCA, da cidade de Parintins (AM), encaminhei um documento apresentando à deputada estadual Alessandra Campelo uma lista de manifestações culturais amazonenses para que fossem reconhecidas por Lei como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Amazonas. A sugestão, devidamente fundamentada foi aceita e como resultado agora temos as Pastorinhas Natalinas, a Toada de Boi Bumbá, A Festa de Nossa Senhora do Carmo (padroeira de Parintins) e a Ciranda de Manacapuru reconhecidas por Lei como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Amazonas. E para constranger ainda mais os “amantes do repolho”, recentemente apresentamos uma lista de manifestações com a mesma finalidade, onde estão a Dança do Gambá, os Cordões de Pássaros, o Lundu, a Onça te Pega, o Ritual de Iemanjá da Praia da Ponta Negra e, é claro, a Festa dos Marujos de São Benedito de Freguesia do Andirá. Manifestações tradicionais formadas à partir das matrizes étnicas que compuseram nossa identidade cultural regional, vivenciadas por povos e comunidades tradicionais do Amazonas, que devem ser salvaguardadas através de política de Estado.

3 - O CAMINHO DA EDUCAÇÃO.

A vontade e a necessidade de aprender “bebendo água nessa fonte” da cultura e do conhecimento popular foi a principal motivação que me levou a pesquisar a Festa dos Marujos de São Benedito, sua história, tradições e costumes. Frequentar a escola do povo do chão da Amazônia, onde a comunidade celebra e compartilha saberes e fazeres, me permitiu identificar os valores civilizatórios afro-brasileiros presentes da Festa dos Marujos de São Benedito de Freguesia do Andirá. Segredos de uma pedagogia popular ainda não revelados e vivenciados no chão das escolas brasileiras.

Segundo Trindade (2010), “com esse segredo no nosso coração poderemos como docentes contribuir, na comunidade escolar, para as escolhas de saberes e fazeres



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

que serão valorizados e cultivados na escola”. Partindo do princípio da construção coletiva de um projeto político-pedagógico que garanta a introdução no currículo escolar das nossas heranças e presenças africanas e afro-brasileiras, a autora questiona sobre o patrimônio cultural que nos foi negado e subtraído da nossa história humana e docente. Dessa forma, devemos oportunizar a Lei 10.639/03, que complementa a Lei de Diretrizes de Base da Educação Brasileira (LDB), determinando o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira nas escolas.

Diante do exposto, acreditamos que o estudo sistemático teórico e prático em âmbito escolar sobre a Festa dos Marujos de São Benedito de Freguesia do Andará é possibilidade concreta para o desenvolvimento de uma abordagem significativa para os estudantes, pois essa tradição é constituída de história, cultura e relações sociais. Parte integrante indispensável de um novo projeto de educação, voltado para o desenvolvimento integral dos envolvidos.

Sugerindo mudanças que garantam uma escola livre e feliz, descolonizada, aberta a nossa nacionalidade e a alteridade, Wilson Roberto Mattos (2003) apresenta os valores civilizatórios traduzidos como “uma reunião articulada de proposições éticas, relacionais e existenciais que respondem por uma especificidade no interior da chamada civilização brasileira”. São elas: Circularidade, Religiosidade, Corporeidade, Musicalidade, Memória, Ancestralidade, Cooperativismo, Oralidade, Ludicidade e Energia Vital. Tais valores são repertoriados na vivência dos sujeitos, nos relacionamentos sociais, consubstanciado na inventividade negra num processo constante de criação e recriação.

Nossa pesquisa de campo e revisão bibliográfica permitiu identificar os Valores Afro-Brasileiros na Festa dos Marujos de São Benedito, conforme apresentamos abaixo:



Tabela 2 – Representação dos Valores civilizatórios afro-brasileiro

VALORES	REPRESENTAÇÃO NA MARUJADA DE SÃO BENEDITO
Circularidade – a roda, o círculo, o circular é característico das manifestações de matriz africana, a roda nos convida a pensar em constante transformação, movimento, trocas, aliança, renovação constante, mes-mo que na forma aparente de repe-tição.	Na Festa dos Marujos podemos verificar nas rodas de conversa, nas coreografias circulares, nas orações que realizam de mãos dadas, no ciclo de cerimônias e fa-zerem que se repetem ano após ano.
Religiosidade – relevância do as-grado, do imanente.	Verificamos no conjunto de saberes e fa-zeres dessa festa religiosa, no culto ao santo, promessas, procissões, rezas, la-dainhas, nas diferentes tradições do ca-tolicismo popular, no sincretismo e no i-maginário caboclo.
Corporeidade – valor que nos en-sina a respeitar cada milímetro do corpo humano, que deve estar pre-sente em cada ação e em diálogo com outros corpos. As demandas corporais devem ser consideradas. Afinal, o corpo atua, registra nele próprio a memória de várias maneir-as, seja através da dança, da brin-cadeira, do desenho, da escrita, da fala.	No envolvimento presencial individual e coletivo, nos diferentes fazeres do corpo que emprega saberes, no abraço de aco-lhida, nos gestos, nos sinais, na dança ri-tual da marujada, na percussão batuca-da do gambá e demais instrumentos, na caminhada em procissão, na invocação de corpos místicos do imaginário, na crença da presença do corpo místico de São Benedito, no distanciamento social em defesa da vida do corpo contra o co-rona vírus, na saudade dos corpos ami-gos distanciados, na reza pela cura de corpos enfermos.
Musicalidade – existe alguma ma-gia, algum mistério, algum encanta-mento na música numa perspectiva afro-brasileira. A musicalidade com ou sem instrumento é sagrada. Conecta-nos com todo o cosmo, com o sagrado e com nossos i-guais. A musicalidade também é comunicação.	Na forma afro-amazônica da batucada, do gambá, das cantorias, na afinação dos tambores, no domínio do ritmo certo, no saberes dos músicos, na comunica-ção através dos instrumentos, canto an-cestral, da transformação da natureza em instrumentos musicais, nas canções que educam, no repertório que mobiliza visitantes.
Memória – importância da vivência e da experiência impressa nos cor-pos,	Presente na história, nas saudades, nas lembranças, no orgulho de pertencimen-to



no mundo, em nós como lega-do a ser preservado.	ao lugar de memória (Freguesia), no domínio de técnica tradicionais.
Ancestralidade – esta intransferibilidade, esta singularidade é tão grande que os seres se transformam em ancestrais, seres anteriores a nós que nos legaram a existência, as condições materiais e espirituais de existência e por isso transcendem em nós e no mundo.	Encontrado na sabedoria dos mestres e mestras populares, nos velhos e velhas, no imaginário ancestral afro-brasileiro, no patrimônio cultural Imaterial, no pacto de identidade entre gerações.
Cooperativismo (Comunitarismo) – Falar sobre cultura negra requer usar a palavra ‘coletivo’. Pensar em africanidades é pensar em comunidade, em diversidade, em grupo. Imaginem o que teria acontecido com a população negra num sistema escravocrata se houvessem desprezado o princípio da parceria, do diálogo, da cooperação?	Manifestado através de mutirões, na construção coletiva da festa, na organização e luta política através da Associação dos marujos (AMFA), na doação de donativos para ajudar na festa, na ornamentação e decoração de espaços, na divisão de tarefas na preparação e realização da festa e dos rituais religiosos,
Oralidade – o valor da palavra, da expressão oral, da capacidade humana de se comunicar entre si e o mundo, é o poder da fala que comunica, educa, influencia e transforma.	Representada pela história e tradição oral, pela comunicação das canções e instrumentos musicais, pelas rezas e ladainhas, pelos causos, pelas histórias contadas, pelas entrevistas concedidas, pela voz de comando das lideranças que orientam a condução dos ritos da festa, pela capacidade de reprodução de orações tradicionais.
Ludicidade – é a alegria, o lazer, a diversão as competições, o entretenimento, incluindo os jogos, que sempre viabilizaram o aprendizado, servindo para transmitir as conquistas da sociedade em diversos campos do conhecimento.	Na festa dos marujos encontramos a ludicidade na praia (onde se aglomeram visitantes para tomar banho de rio, comer, beber, brincar), no baile realizado na sede da associação, na pirotecnia dos fogos explodem comemorando São Benedito, na realização o leilão, na alegre disputa para derrubar e pegar as frutas do mastro do santo, na “varrição” (ritual lúdico de encerramento da festa, quando os marujos percorrem a comunidade dançando e brincando nas casas, e servindo-se a vontade



	do tarubá e outras bebidas espirituosas), na interação dos marujos com outras danças populares, como as pastorinhas o lundu e outras danças.
Energia Vital (Potência de Vida) – energia cósmica, física, terrestre, animal, humana que nos integra à Existência.	O princípio do axé, é a vontade de viver e aprender com vigor, alegria e brilho no olho, acreditando na força do presente, é a energia que encoraja e movimenta para a realização, o sopro da vida.

Fonte: pesquisa do autor.

Como vimos, trabalhar a cultura na educação é uma estratégia para salvaguardar o nosso patrimônio cultural brasileiro, aqui representado pela Festa dos Marujos de São Benedito de Freguesia do Andirá.

4 - O CAMINHO DA SUPERAÇÃO.

Certamente na alegria da festa de 2019, os marujos e promesseiros de São Benedito não imaginavam o que estava por vir meses depois: a Pandemia do COVID-19, doença perigosa e mortal que afetaria a humanidade, sobretudo, países e populações vulneráveis, em particular, os nossos povos e comunidades tradicionais da Amazônia.

Em comunidades ribeirinhas como Freguesia do Andirá, as medidas de contenção ao Novo Corona vírus acarretam problemas que afetam o escoamento da produção, a segurança alimentar, a educação, a assistência social e a cultura. Somando-se a isso, as dificuldades de acesso a informação e à tecnologias necessárias para cadastro e recebimento do auxílio emergencial de iniciativa do Estado, como internet e sinal de telefonia.

No campo da cultura, entre todos os desafios enfrentados e superados por sucessivas gerações de “marujeiros” de Freguesia do Andirá em mais de 1 século resistência em defesa manifestação afro-amazônica, nenhum se compara a ameaça imposta pela Pandemia do COVID-19, conforme informa Leão, presidente da Associação dos Marujos de Freguesia do Andirá:



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

É muito triste a gente ter que passar por isso. A comunidade está com medo dessa doença e desde que isso começou a gente faz de tudo pra se proteger, por que sabemos que a situação de atendimento à saúde não é boa. Eu mesmo tive que me isolar em meu terreno por que sou do grupo de risco, como a grande parte dos marujos. A gente tá sofrendo: sofre pela doença e pela nossa cultura. Se a gente pegar COVID, a gente pode morrer. Mas se a gente não fizer alguma coisa, nossa tradição também morre. Mas tenho fé em São Benedito que isso vai passar. Deus há de mostrar um caminho pra gente.

Questionado sobre a posição da Associação dos Marujos sobre a possível não realização da festa centenária, Leão afirmou:

Vim aqui pra cidade agora e vou procurar a Vigilância Sanitária e a Prefeitura pra ver como a gente pode fazer. Uma coisa é certa, se depender dos marujos, de algum jeito a gente vai fazer. Quem sabe só um dia com todos os cuidados. Mas ainda vamos ver isso, pois precisamos proteger vidas.

Proporcionalmente em relação a outros municípios do Amazonas, Barreirinha é uma das cidades mais afetadas pela Pandemia do Covid-19. Segundo dados do Boletim Epidemiológico da prefeitura municipal do dia 08 de outubro de 2020, o município contava com 1.053 casos confirmados, 990 casos de recuperação e 14 óbitos.

A notícia mais animadora até agora veio do governo do Amazonas, que anunciou a disponibilização da vacina contra Covid-19 para a população amazonense, a partir de janeiro de 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As festas populares são templos de celebração da diversidade, reveladora de várias amazônias em uma só. Indígena, negra e quilombola sem deixar de ser um mesmo povo, de comunidades excluídas que sonham um sonho comum de fartura, fé e festa, de identidade cultural com justiça e desenvolvimento social.

Filiado a essa utopia real nossa pesquisa percorreu caminhos de conhecimento, destacando que a centenária Festa dos Marujos de São Benedito de Freguesia do Andirá é histórica, cultural e educativa e que o conjunto dessas potências sempre pavimentaram caminhos de superação. Reconhecendo e protagonizando sua própria história; salvaguardando suas heranças culturais; travando lutas políticas através da associação; cultivando os valores civilizatórios afro-brasileiros na pedagogia comunitária e solidária do chão amazônico; e impondo-se com serenidade e legitimidade como patrimônio cultural.



Os resultados de nossa pesquisa, ao gerar conhecimento, apresentando ideias e rumos para a promoção e salvaguarda da Festa dos Marujos de São Benedito de Freguesia do Andirá e seu conjunto de valores, busca cumprir a função social da educação, inspirando novas pesquisas e iniciativas diversas que tenham a alma brasileira e o cheiro de povo.

Por fim, quero agradecer o convite para elaboração dessa pesquisa que dedico aos marujos de Freguesia. Gente de fé e consciência que sabe que o momento é de proteger vidas, pois as vidas em questão são geradoras da energia vital que move a Festa dos Marujos de São Benedito de Freguesia do Andirá. Um legítimo Patrimônio Cultural de Barreirinha, do Brasil e da Humanidade.

REFERÊNCIAS

- AMFA, Associação dos Marujos de Freguesia do Andirá. *Histórico da Festa dos Marujos de Freguesia do Andirá*. 2015.
- AZEDO, Luíndia. *Marujada de Bragança (Pa): (des)construções e construções*. Revista Internacional de FOLKCOMUNICAÇÃO, 2003.
- BELTRÃO JUNIOR, H. R. *Processos Folkcomunicacionais na Festa de São Lázaro, Parintins – Am*. In: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Manaus (AM), 2015.
- BETENDORF, J.F., *Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1910.
- BRAGA, Sérgio Ivan Gil. *Festas religiosas e populares na Amazônia*. 2007.
- CARVALHO, Gisele Maria de Oliveira. *A festa do “Santo Preto”: tradição e percepção da Marujada de Bragantina*. Brasília (DF), 2010,
- CERQUA, D. A. *Clarões de fé do Médio Amazonas*. 2. Ed. Manaus: Pro Graf-Gráfica e Editora, 2009.
- Diário Oficial da União - Portaria Nº 176, 2013.
- FUNES, A. Eurípedes. *Nasci nas Matas, nunca tive senhor. História e memória dos mocambos do Baixo Amazonas*. Tese de doutoramento de História da FFLCH/USP, São Paulo, 1995.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

GALVÃO, E. *Vida religiosa do caboclo da Amazônia*. Boletim do Museu Nacional. Antropologia, no 15. Rio de Janeiro, 1953.

GOMES, Flávio dos Santos. *A hidra e os pântanos: mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2005.

GOMES, Flávio Gomes. *A Hidra e os Pântanos: quilombos e mocambos no Brasil (séc. XIII e XIX)*. Tese de Doutorado – UNICAMP/SP, 1997.

IBGE. *Censo Demográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2010.

LIRA, Lúcia Maria Barbosa; SILVA, Edgard Soares da. *Festas de São Benedito em algumas cidades amazônicas: religiosidade, fé e devoção*. In: 2^o Simpósio Internacional de História das Religiões. XV Simpósio Nacional de História das Religiões, Florianópolis, 2016.

MATTOS, Wilson Roberto. *Valores Civilizatórios afro-brasileiros na elaboração de currículos escolares – ensaiando pressupostos*. Diversidade na educação: reflexões e experiências. Salvador, (BA), 2003.

MAUÉS, Raimundo Herald. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico*. Belém: Cejup, 1995.

MESQUITA, J. J. F. *A produção agrícola familiar no distrito de freguesia do Andirá – Município de Barreirinha-AM*. VI Simpósio Internacional de Geografia Agrária – VII Simpósio Nacional de Geografia Agrária Ia. Jornada de geografia das águas. 22 a 26 de setembro em João Pessoa-PB, 2013.

MIGUEZ, Paulo. *A festa: inflexões e desafios contemporâneos*. In: Estudos da Festa/ Linda Rubim e Nadja Miranda (Organizadoras). – Salvador: Edufba, 2012.

RANCIARO, Maria Magela Mafra de Andrade. *Os cadeados não se abriam de primeira: processos de construção identitária e a configuração do território de comunidades quilombolas do Andirá (Município de Barreirinha – Amazonas)*. 2016. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

ROCHA, João Marinho da. *Das Sementes ao Tronco: História e Memória do movimento quilombola do Rio Andirá (Município de Parintins-Amazonas)*. 2019. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

SAMPAIO, Patrícia M.(Org.). O fim do silêncio – *Presença negra na Amazônia*. Belém: Açai/CNPq, 2011.298p.

SANTOS, Patrício William. *Marujada em Freguesia do Andirá: processos de resistência de uma cultura festeira, Barreirinha/AM*. 2018. ([Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação](#)) – Universidade Estadual do Amazonas, 2018.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. *O projeto político na escola: aplicação 10.639/03*. Rio de Janeiro, CEAP, 2010.

SILVA, Adan Renê Pereira da; CASTRO, Ewerton Helder Bentes de. *A construção identitária dos cirandeiros do Festival de Cirandas de Manacapuru*. São Paulo: Dialogar, 2018.

SOUZA, Márcio. *História da Amazônia*. Manaus: Editora Valer, 2009.

UNESCO. *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*. Paris, 2003.

VAZ, F.A. *Ribeirinhos da Amazônia: Identidade e Magia na Floresta*. in: Cultura Vozes, n.2, março- abril/1996, (p.47-65).

FONTES ORAIS

SANTOS, Leão dos. *Entrevistas*. Realizadas nos anos de 2018 e 2020. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

SILVA, Rozildo Ferreira da. *Entrevista*. Realizada no ano de 2018. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

DOCUMENTOS CONSULTADOS

Lei Orgânica do Município de Barreirinha - AM, 2004.

Resolução da Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO. Paris, 2003.

Recebido: 30/9/2020. Aceito:11/12/2020.

Autor

Manoel Marcos de Moura Clementino- Bacharel em Ciência Política e Especialista em Gestão e Produção Cultural pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

E-mail: parintinsinstitutoajuri@gmail.com